

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO I – Causas primárias
CAPÍTULO IV – Princípio Vital

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Seres orgânicos e inorgânicos	O Livro dos Espíritos	03
Espírito e matéria ante a lei da evolução	O Consolador	05
Elementos gerais do universo: Espírito e matéria	O Consolador	07
II – A Vida e a morte	O Livro dos Espíritos	10
Temas da Vida e da Morte	O Consolador	11
Nosso Lar	O Consolador	14
III – Inteligência e Instinto	O Livro dos Espíritos	15
Inteligência e Instinto	O Consolador	16
Instinto e meios de conservação	O Consolador	18

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

Livro primeiro – As Causas primárias Capítulo IV – Princípio vital

I - SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria.

Tais são os minerais, a água, o ar, etc.

60. É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos?
“Sim, a lei de atração é a mesma para todos.”

61. Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos?
“A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada.”

62. Qual a causa da animalização da matéria?
“Sua união com o princípio vital.”

63. O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada?

Numa palavra, é efeito, ou causa?

“Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.”

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro?

“É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.”

a) — Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações. “Isto é consequência do que dissemos.”

65. O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?

“Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.”

66. O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos?

“Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.”

67. A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos?

“Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.”

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

a) — Poder-se-á dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?

“Sim, é isso.”

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor.

Especial

315 – 09/06/2013

O Consolador - (Jorge Hessen)

I. SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS

Espírito e matéria ante a lei de evolução

O princípio vital forma um terceiro elemento constituinte do universo?

Como dissemos, Espírito e matéria são dois elementos constituintes do Universo.

O Princípio Vital formaria um terceiro?

Não! Pois trata-se de um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas ele mesmo tem sua fonte na matéria primordial modificada.

“É um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio que, entretanto, não são elementos primitivos, embora tudo isso proceda de um mesmo princípio.” (13)

Será que realmente a vitalidade é um atributo permanente do agente vital ou apenas se desenvolve pelo funcionamento dos órgãos?

A rigor, esse agente sem a matéria não é a vida: “é preciso a união das duas coisas para produzir a vida. Infere-se disso que a vitalidade está em estado latente, quando o agente vital não está unido ao organismo”. (14)

Para haver vida orgânica é preciso existir o protoplasma, componente das células, formado principalmente por proteínas.

Na Terra, só pôde surgir a vida orgânica no momento em que, na atmosfera, por meio das descargas elétricas, uniram-se metano, amônia, água e hidrogênio, formando-se os primeiros aminoácidos. (15)

Eles se combinaram, formando proteínas, as quais se aglomeraram nos coacervados (16) e destes originaram as células.

Todas as células têm cromossomos e ADN, que não existem nos minerais.

O fluido universal, combinado com a ação do elemento inteligente, é responsável pela coesão e as qualidades gravitacionais da matéria. Lembremos aqui que a inteligência é um atributo essencial do espírito (17), que por sua vez é o elemento inteligente do universo, individualizado, com moralidade própria, embora reconheça que “a natureza íntima do elemento inteligente, fonte do pensamento, escape completamente às [atuais] investigações”. (18)

Agente vital: causa ou efeito?

Não há consenso entre alguns pontos próprios como tampouco há um entendimento por parte da maioria dos espíritas sobre o fluido vital.

Seria uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em determinadas circunstâncias? Lembremos que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força dure.

Para Kardec o fluido vital “é criado pelo metabolismo corporal”. (23)

Segundo essa maneira de ver, o Princípio Vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.

No entanto, como vimos acima, os Espíritos discutem o assunto e apontam que o Princípio Vital é uma transformação da matéria primordial do Universo – o Fluido Cósmico Universal.

Referência bibliográfica:

(13) **Kardec** Allan, A Gênese.

(14) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Questão 64.)

(15) **Aminoácido** é uma molécula orgânica formada por átomos de carbono, hidrogênio, oxigênio, e nitrogênio unidos entre si de maneira característica. Alguns aminoácidos também podem conter enxofre.

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

(16) **Coacervado** é um aglomerado de moléculas proteicas envolvidas por moléculas de água, em sua forma mais complexa. Essas moléculas foram envolvidas pela água devido ao potencial de ionização presente em alguma de suas partes. Acredita-se, portanto, que a origem dos coacervados (e conseqüentemente da vida) tenha se dado no mar.

(17) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Questão 24.)

(18) **Kardec** Allan, Revista Espírita, (ano: 1866 páginas 78 e 79.)

(23) **Kardec** Allan, A Gênese.

Elementos gerais do Universo: Espírito e matéria

A matéria existe em estados que o homem ignora

1. Além da Ciência, que é a fonte dos conhecimentos que o homem pode adquirir com o próprio esforço, aplicando a inteligência, a lógica dos raciocínios e o método experimental, tem ele na revelação outra importante fonte de aquisição de conhecimentos. Deus permite que a revelação lhe seja feita por intermédio de Espíritos Superiores, no domínio exclusivo da ciência pura, isto é, sem quaisquer objetivos utilitaristas, aplicação prática ou tecnológica.

2. A Ciência terrena limitou-se até hoje a considerar como únicas realidades existentes a matéria e a energia. Aprofundando-se, no entanto, no estudo desses dois elementos, o homem chegou à conclusão de que estão eles de tal modo e tão estreitamente relacionados que representam, em verdade, duas expressões de uma só e mesma realidade, não sendo a matéria mais do que energia condensada ou concentrada, limitada em sua força e dinamismo próprios, verdadeiramente escravizada, encerrada, em âmbitos restritos para formar as massas densas dos corpos materiais.

3. Inversamente, em determinadas condições, é a matéria atingida em sua massa, desconcentrando-se, descondensando-se, desintegrando-se e libertando energia em radiações diversas de natureza corpuscular. Há, assim, sempre, lado a lado no Universo, matéria densa e energia livre em interações recíprocas, que condicionam os dois processos inversos de condensação e de libertação de energia. Enorme já é o acervo de conhecimentos que sobre esse aspecto do Universo a Ciência e a tecnologia permitiram ao homem acumular, mas que, evidentemente, escapa aos objetivos deste resumo.

4. É importante, no entanto, assinalar que a Ciência não considera, na constituição do Universo, senão o elemento material, quer em seu estado denso, quer em suas manifestações energéticas. A revelação não procedeu assim e foi além, ao ensinar que existem fundamentalmente dois elementos gerais no Universo: o elemento material e o elemento espiritual. E mais: o elemento material não abrange somente as formas densas, visíveis e tangíveis, dotadas de massa e ponderabilidade, extensão e impenetrabilidade, mas também estados sutis, inacessíveis aos nossos sentidos, em que desaparecem a tangibilidade e a ponderabilidade e surge a característica penetrabilidade, com relação à massa densa.

5. Ao tratar do assunto, em resposta a pergunta formulada por Kardec, os Espíritos Superiores esclareceram que a matéria existe em estados que o homem ignora e pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão causa aos sentidos. Definindo-a, eles disseram: “A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação”. (L.E., item 22).

Matéria e Espírito são os elementos gerais do Universo

6. Conforme o ensinamento que os Espíritos transmitiram naquela oportunidade, dois seriam os elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito, e acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem, portanto, o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas - lembram os imortais – ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

7. Embora seja lícito classificá-lo como elemento material, o fluido universal dele se distingue por propriedades especiais. Ele está colocado entre o espírito e a matéria. É fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, por suas inumeráveis combinações com a matéria, de produzir sob a ação do espírito a infinita variedade das coisas de que somente conhecemos uma parte mínima. O fluido universal, também chamado de fluido cósmico, primitivo ou elementar, é não só o agente de que o espírito se utiliza, mas também o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e não adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

8. Tudo no Universo, como vemos, procede de Deus, que criou o fluido universal que enche o espaço infinito e é, verdadeiramente, o elemento primitivo a partir do qual se forma o que no Universo é material, como os planetas e os seres. Mas Deus criou também o espírito, elemento inteligente, que é submetido a longa elaboração através dos diversos reinos da Natureza. No contato com minerais, vegetais e animais, o princípio inteligente recebe impressões que, pela repetição, vão-se fixando, dando origem a automatismos, reflexos, memória, instintos e hábitos que acabam por integrar-se em individualidades conscientes, dotadas de razão e vontade, livre-arbítrio e responsabilidade, destinadas a progredir até que adquiram pureza e perfeição que as aproximam da Inteligência Suprema.

9. A ideia criadora procede, portanto, de Deus e pode surgir no espírito, do que se conclui que só o espírito pode conceber ideias; a matéria, não. A ideia toma forma pela ação da vontade divina ou do espírito sobre o fluido universal que, pela sua natureza intermediária entre o espírito e a matéria, está apto a receber influência daquele, transmitindo-a a esta.

O fluido universal é o princípio elementar de todas as coisas

10. Em síntese, Kardec consigna em sua obra os seguintes ensinamentos acerca do fluido universal:

10. O fluido universal é uma criação divina, não uma emanção do Criador.

20. Elemento universal, é ele o princípio elementar de todas as coisas.

30. Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, é preciso ascender aos Espíritos puros, porque em nosso mundo ele está mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que nos cerca.

40. É ele o elemento do fluido elétrico, mas o estado que mais se aproxima de sua simplicidade absoluta é o que chamamos fluido magnético animal.

50. O fluido universal é imponderável.

11. Com relação à matéria, ensina o Espiritismo:

10. A matéria é formada de um só elemento primitivo; os corpos considerados simples são, em verdade, transformações da matéria primitiva.

20. As propriedades da matéria decorrem das modificações que as moléculas elementares sofrem, em certas circunstâncias, por efeito da sua união.

30. A matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades.

40. É acertada a opinião dos que dizem que há na matéria apenas duas propriedades essenciais: a força e o movimento. As demais propriedades não passam de efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força, a direção do movimento e a disposição das moléculas.

50. As moléculas têm forma, que é constante nas moléculas elementares primitivas e variável nas moléculas secundárias, que nada mais são que aglomerações das primeiras.

60. O que chamamos molécula está, no entanto, muito longe da molécula elementar.

12. Os ensinamentos espíritas com relação à matéria constituem admirável antecipação das verdades sobre a descontinuidade da matéria e a sua unicidade. A primeira já foi provada experimentalmente pela Ciência; a segunda é admitida hoje como inteiramente provável.

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

13. Com efeito, embora se considerem atualmente, na base da constituição da matéria, além das moléculas e dos átomos, numerosas outras partículas, como os hádrons (1) e os léptons (2), ao tempo de Kardec as partículas consideradas como as menores porções das substâncias chamavam-se moléculas.

Kardec não podia, portanto, empregar em sua época outro termo senão moléculas para designar essas partículas, tanto as que representam a matéria densa como os estados sutis da matéria derivados diretamente do fluido universal.

A ideia é, porém, a mesma, ou seja, a matéria é uma e, apesar de sua aparente diversidade, todas as modalidades de substâncias nada mais são que modificações da matéria cósmica ou substância elementar primitiva, da qual deriva tudo o que é material no Universo.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 17 a 34.)

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (item 74.)

Duarte José Coimbra, Ciências Físicas e Biológicas, (págs. 17 a 19.)

(1) Hádron: designação genérica de partículas que sofrem interações fortes, e da qual se conhecem dois tipos: os bárions, formados por três quarks, e os mésons, formados por um quark e um antiquark.

(2) Lépton: Férmion que não sofre interação forte e interage com outras partículas através de interações fracas, eletromagnéticas ou gravitacionais. São léptons: o elétron, o múon, o tau, e os neutrinos associados a cada uma dessas partículas.

O número de léptons se conserva nas interações entre partículas. Para cada lépton existe uma antipartícula equivalente.

II – A VIDA E A MORTE

68. Qual a causa da morte dos seres orgânicos?

“Esgotamento dos órgãos.”

a) — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada?

“Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.”

69. Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos?

“O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.”

70. Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem?

“A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.”

Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir.

Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar.

Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte.

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.

Temas da vida e da morte

41. Ante os que partem para a vida espiritual devemos agir com dignidade e amor – Não podendo o Espírito involuir, mesmo quando não logre as vitórias, surgem áreas de experiências que o beneficiarão mais tarde, nele estabelecendo valores que serão aproveitados nas ocasiões devidas. A morte é, portanto, momento de valiosa expectativa para o ser.

Desse modo, o velório e o sepultamento prosseguem merecendo o mesmo respeito e a mesma consideração que se devotavam ao desencarnado.

Mais do que um ato social, em que predominam valores ligados às vaidades humanas, o velório constitui um apelo ao sentimento fraternal e à solidariedade espiritual, para ajudar aquele cujos despojos serão levados à inumação ou à cremação cadavérica.

Quando se compreende que morrer é fenômeno indolor, que faz parte da vida, jamais destruindo-a, compreender-se-á que naquele momento não se interrompem os intercâmbios afetivos, as necessidades emocionais ou os anelos do coração.

A entrada na Vida que estua noutra dimensão exige recursos próprios para tornar ditoso o recém-chegado ou minoradas as penas que o aguardam.

Em toda parte vige o intercâmbio psíquico e emocional, mantendo estruturas ou desarticulando-as, estimulando as aspirações ou diluindo-as, pois que essa é uma das mais poderosas forças existentes, infelizmente não canalizada conforme seria de desejar.

Devemos agir, portanto, ante os que se estão desprendendo, com dignidade e amor.

A inevitável saudade e a próxima ausência física, que tanto maceram, não se podem converter em instrumentos de agressão espiritual ao ser amado.

Antes de pensar em si, aquele que fica, se realmente ama, pense em quem segue e ajude-o, para que mais rapidamente possa tê-lo de volta ao convívio espiritual, onde um dia todos nos reuniremos sem mais angústia nem adeus.

(Ante moribundos, pp. 75 e 76.)

42. Morte não é sinônimo de desencarnação – Etimologicamente, morte significa “cessação completa da vida do homem, do animal, do vegetal”. Genericamente, porém, morte é transformação.

Morrer, do ponto de vista espiritual, nem sempre é desencarnar, ou seja, liberar-se da matéria e das suas implicações.

A desencarnação é o fenômeno de libertação do corpo somático por parte do Espírito, que, por sua vez, se desimanta dos condicionamentos e atavismos materiais, facultando a si mesmo liberdade de ação e de consciência.

A morte é o fenômeno biológico, término natural da etapa física, que dá início a novo estado de transformação molecular.

A desencarnação real ocorre depois do processo da morte orgânica, diferindo em tempo e circunstância, de indivíduo para indivíduo.

A morte é ocorrência inevitável, em relação ao corpo, que, em face dos acontecimentos de vária ordem, tem interrompidos os veículos de preservação e de sustentação do equilíbrio celular, normalmente em consequência da ruptura do fluxo vital que se origina no ser espiritual, anterior, portanto, à forma física.

A desencarnação pode ser rápida, logo após a morte, ou se alonga em estado de perturbação, conforme as disposições psíquicas e emocionais do ser espiritual.

De conformidade com a **lei da entropia**, que estabelece a necessidade da energia para a manutenção da vida, a morte é o efeito imediato da carência desse agente, seja a pouco e pouco, pelo envelhecimento dos órgãos, que já não se renovam, ou mediante a violência, de qualquer modalidade, que lhe impede a sustentação das moléculas que se aglutinam sob sua força de coesão.

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

Tendo em vista que o homem procede do mundo espiritual, a morte é o veículo que o reconduz à sua origem, onde cada qual ressurgue com as características definidoras de suas conquistas.

Morrer é, pois, muito fácil, isto é, interromper o ciclo orgânico, o que não significa deixar de viver, desde que, indestrutível, a vida ressurgue sob outro aspecto, sem que haja cessação do seu curso ou outra qualquer forma de aniquilamento.

(Morte e desencarnação, pp. 77 e 78.)

43. No suicídio direto, a morte não liberta a alma – Tendo em vista que a vida se encontra submetida a leis invioláveis na sua estrutura íntima, o ato de morrer, não poucas vezes, é precedido de exames e estudos por parte dos Espíritos encarregados de manutenção da vida, que são os Mentores dos homens, dedicados a auxiliar no desenvolvimento intelecto-moral a que todos somos submetidos como encarnados ou desencarnados.

Na faixa em que se encontram os mais simples espiritualmente, cujas vidas se desenvolvem nas áreas das experiências mais instintivas, quais a alimentação, a reprodução, o repouso e o prazer, a ocorrência da morte se dá através de automatismos previstos pelo processo natural da evolução, num ir-e-vir que facultará condições para que sejam atingidas etapas de maior relevância.

Nas fases em que ao instinto mais dominador sucedem as aspirações do discernimento, dos ideais e dos compromissos nobres, o livre-arbítrio, comandando muitos dos mecanismos morais, propicia os cuidados dos Instrutores desencarnados que se encarregam de estabelecer os períodos de aprendizagem no corpo, de acordo com os compromissos pretéritos no campo das conquistas e dos prejuízos, adquiridos pelo ser em crescimento.

No caso de indivíduos vinculados a tarefas significativas, da mesma forma que a reencarnação exige cuidados e planejamento especiais, a morte e a liberação imediata são conduzidas através de programas mais bem estudados.

De acordo com os valores do indivíduo e o efeito que sua vida causa em outras vidas, a morte pode ser antecipada ou postergada, considerando-se os benefícios que disso decorram.

Evidentemente, nas outras faixas do processo evolutivo, a morte pode ser precipitada tanto quanto retardada, graças ao desgaste ou prolongamento das forças vitais mantenedoras do corpo físico, como resultado do uso que se permitam as criaturas.

No suicídio direto, violento, a morte não liberta a alma; ao contrário, produz o prolongamento das aflições, aumentadas pelas dores morais e pelos fenômenos decorrentes da imantação do Espírito ao corpo, pelas fixações mentais geradoras de sensações novas e rudes, que enlouquecem quase sempre todo aquele que planejou fugir, sendo pela vida surpreendido mais adiante.

Em menores proporções, mas não menos dolorosas, dá-se o mesmo nos suicídios indiretos.

(Morte e desencarnação, pp. 78 e 79.)

44. O homem de bem, morto o corpo, desprende-se logo dos despojos físicos – A desencarnação dá-se também, noutras circunstâncias, mesmo antes da ocorrência da morte física, quando o ser, voltado para a realidade maior, a causal, começa a transferir as aspirações e anelos para esta, vivendo e agindo no mundo sem que se deixe aprisionar aos seus grilhões.

Nesse sentido, o sofrimento resignado tem papel relevante, porque faculta a superação dos condicionamentos, transformando sensações grosseiras em emoções menos densas que as cargas das paixões primitivas.

Em outros casos, a desencarnação se inicia mesmo durante a vida física, através das atitudes idealistas, missionárias, em que a abnegação, a renúncia, o sacrifício e o amor em dimensões mais amplas sutilizam o **peso específico** da organização material, transformando as correntes de energia que transitam do ser espiritual para o corpo e vice-versa, agindo nos implementos orgânicos de forma menos densa. Biologicamente, começa-se a morrer desde quando se começa a viver, pois que as transformações celulares se dão incessantemente.

A morte deve merecer estudos e reflexões por parte de todos os homens, mergulhados que estão nas correntes da vida, temporariamente amortecidas a lucidez e as recordações pela indumentária

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

carnal. Visto o assunto dessa maneira, entende-se por que, em muitos casos, para morrer e logo desencarnar e libertar-se é necessário ter merecimento.

Permanecer num corpo mutilado e dorido, sob os camartelos das aflições morais e físicas, constitui necessidade inadiável, e essa conduta na dor facultará ou não a libertação, conforme seja vivida. Como cada homem tem a vida de que precisa, na Terra, para crescer e ser feliz, cada qual tem a morte a que faz jus, em razão dos atos praticados.

O homem de bem, diante dessa proposta, opta evidentemente pela conduta de libertação, graças à qual, tão logo se interrompa a vida orgânica, ele se desprende dos despojos físicos e de suas implicações escravocratas, ensejando-se-lhe a libertação real, no retorno feliz ao lar que o aguarda após a experiência evolutiva ora concluída.

(Morte e desencarnação, pp. 80 e 81.)

Miranda Manoel Philomeno de, Temas da Vida e da Morte.

Estudando a Série André Luiz

01 – 18/04/2007

O Consolador - (Marcelo Borela de Oliveira)

Nosso Lar

II. A VIDA E A MORTE

1. Este livro não é único. Outras entidades já comentaram as condições da vida, além-túmulo. Certamente que numerosos amigos sorrirão ao contacto de determinadas passagens das narrativas.

(Prefácio de Emmanuel, pág. 10.)

2. Estava André convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, seus pulmões respiravam a longos haustos. Cabelos eriçados, coração aos saltos, medo terrível, muita vez gritou como louco, implorou piedade e clamou contra o doloroso desânimo que o subjugava. Mas, quando o silêncio implacável não lhe absorvia a voz estentórica, lamentos mais comovedores que os seus respondiam a seus clamores. Outras vezes, gargalhadas sinistras rasgavam a quietude ambiente.

(Cap. 1, pág. 17.)

3. A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacentas, como que amortalhada em neblina espessa. O medo de André era grande. Onde ficaram o lar, a esposa, os filhos? Sem qualquer noção do rumo a tomar, as lágrimas lavavam-lhe incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-o a bênção do sono. Bruscamente, porém, interrompia-se a sensação de alívio, porque seres monstruosos o acordavam, irônicos, e era imprescindível fugir deles.

(Cap. 1, pág. 18.)

4. Em momento algum o problema religioso surgira tão profundo a seus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos figuravam-se-lhe agora extremamente secundários para a vida humana. Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé. Essa análise surgia, contudo, tardiamente, porque ele nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração.

(Cap. 1, pág. 18.)

5. A filosofia do imediatismo o absorvera no mundo. A existência terrestre não fora assinalada de lances diferentes da craveira comum. Conquistara os títulos universitários sem maior sacrifício. Perseguira situações estáveis que garantissem a tranquilidade econômica do seu grupo familiar, mas algo o fazia experimentar a noção de tempo perdido. Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor colocara em sua alma; ao contrário, sufocara-os criminosamente, no desejo incontido de bem-estar.

(Cap. 1, pág. 19.)

6. “Oh! amigos da Terra! – adverte André Luiz. – Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois.” (Cap. 1, pág. 20.)

7. “Suicida, criminoso, infame” – gritos assim cercavam André de todos os lados. Onde os sicários estavam? Quando o desespero atingia o auge, ele atacava-os, mas em vão esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-lhe os ouvidos, enquanto vultos negros desapareciam na sombra. Fome e sede o torturavam. Crescera-lhe a barba, a roupa começava a romper-se. O mais doloroso, contudo, não era o abandono, mas o assédio incessante de forças perversas que lhe assomavam nos caminhos ermos e obscuros.

(Cap. 2, pág. 21.)

III – INTELIGÊNCIA E INSTINTO

71. A inteligência é atributo do princípio vital?

“Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.”

A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim:

1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência;

3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar.

72. Qual a fonte da inteligência?

“Já o dissemos; a inteligência universal.”

a) — Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?

“Isto não passa de simples comparação, todavia inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Demais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número.”

73. O instinto independe da inteligência?

“Precisamente, não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres provêm às suas necessidades.”

74. Pode estabelecer-se uma linha de separação entre instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra?

“Não, porque muitas vezes se confundem. Mas, muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.”

75. É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais?

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o, despreza.

O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.”

a) — Por que nem sempre é guia infalível a razão?

“Seria infalível, se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina;

a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Inteligência e Instinto

É à alma que o homem deve sua inteligência e racionalidade

1. A inteligência é o atributo essencial do Espírito, em razão do qual toma ele conhecimento de sua própria existência e exerce atividades voluntárias e livres. Quando o Espírito atinge o grau de humanização, sua inteligência adquire desenvolvimento superior, como o surgimento da razão e do senso moral, que lhe facultam a capacidade de conceber e reconhecer a existência de Deus.

2. Realizando múltiplos atos livres e voluntários, apresentando finalidade nítida e obedecendo a juízos e raciocínios bem elaborados, o homem é um ser que revela dupla natureza: material e espiritual. Não nos esqueçamos de que há uma alma unida ao corpo do homem e somente a ela deve ele sua inteligência e racionalidade, seus conhecimentos e sentimentos, bem como sua vontade e liberdade.

3. Existem, entretanto, seres que realizam atos em que se revela também nítida finalidade, mas que parecem obedecer antes a automatismos que a impulsos decorrentes da livre vontade. Tais atos visam sobretudo à conservação do indivíduo e da espécie, objetivando as funções de nutrição e de reprodução, provendo ao crescimento, ao desenvolvimento e à propagação, enfim, da plena realização da vida.

4. Esses atos são devidos ao instinto – são os chamados atos instintivos. Existem esboçados no reino vegetal, mas são bem mais evidentes no reino animal, tanto quanto na espécie humana, e ocorrem, seja no homem, seja nos animais, ao lado dos atos inteligentes.

A inteligência e o instinto decorrem do mesmo princípio

5. Existe diferença entre o instinto e a inteligência? Será o instinto, como alguns pensam, um atributo inerente à matéria e não à alma? Se assim fosse, teríamos de admitir que a matéria é também inteligente, o que é manifestamente falso. Ora, se ao ato instintivo falta o caráter principal do ato inteligente, que é ser deliberado, revela, no entanto, uma causa inteligente, porque apta a prever e a evitar o engano, o que levou muitos estudiosos a admitir que instinto e inteligência procedem de um mesmo princípio, que inicialmente teria somente as qualidades do instinto e depois se desenvolveria, evoluiria e passaria por uma transformação que lhe daria as qualidades da inteligência livre.

6. Esta última hipótese não resiste a uma análise mais profunda, porque frequentemente o instinto e a inteligência se encontram juntos no mesmo ser e, às vezes, no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, é instintivo o simples movimento das pernas, tanto no homem como no animal – um pé vai adiante do outro maquinalmente. Mas no acelerar o passo ou retardá-lo, bem como no levantar o pé para desviar-se de um obstáculo, intervém a vontade, a deliberação e o cálculo. De igual modo, o animal carnívoro é levado pelo instinto a alimentar-se de carne, mas age com inteligência e mesma astúcia quando toma medidas para garantir sua presa.

7. Em face disso é que se diz que o instinto é uma espécie de inteligência, enquanto outros afirmam que é uma inteligência sem raciocínio. O fato é que muitas vezes se torna difícil estabelecer um limite nítido de separação entre o instinto e a inteligência, porque muitas vezes eles se confundem.

8. Inteligência e instinto – e esta é a opinião mais comum – são manifestações do mesmo princípio espiritual, que obedecem a duas determinantes ou a dois motores diferentes: um ligado à vontade e à liberdade do indivíduo, e outro que escapa totalmente à vontade e à liberdade. Nesse

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

sentido, podem distinguir-se perfeitamente os atos que dependem da inteligência desenvolvida daqueles que decorrem estritamente do instinto.

Os atos inteligentes aprimoram-se com a aprendizagem

9. Sendo a inteligência, em sua plenitude, a faculdade de pensar e agir racional e deliberadamente, os atos inteligentes são conscientes, voluntários, livres e calculados. São, além disso, suscetíveis de variações, porque a inteligência, variável e individual por excelência, é suscetível de progresso. Os atos inteligentes decorrem da aprendizagem e pela aprendizagem se aprimoram, fato que não ocorre com os atos instintivos.

10. Vejamos o exemplo do patinho: logo que rompe a casca do ovo que o mantinha encerrado, se vê próximo um córrego ou um lago, corre alegremente para ele e lança-se na água, nadando imediatamente com perfeição. Onde aprendeu o pato a nadar? São igualmente instintivos o ato do castor, que constrói sua casa com terra, água e galhos de árvores; o ato dos pássaros, que constroem com perfeição seus ninhos; o ato da aranha, que tece com precisão sua teia. Veem-se já aí alguns dos caracteres do instinto: é algo inato, perfeito e específico, ou seja, surge espontaneamente, sem prévia aprendizagem, em todos os indivíduos de uma mesma espécie e leva a atos completos, acabados, perfeitos, desde a primeira vez que são realizados.

11. Verifica-se, no entanto, que esses atos continuam durante toda a vida do ser sem mudança alguma. Essa capacidade de nadar, de construir, de tecer não sofre variação através dos tempos, de modo que o castor constrói hoje a sua cabana como o faziam seus ancestrais e assim farão os seus descendentes, com os mesmos materiais e da mesma maneira. Nas edificações dos homens, ao contrário, é evidente a evolução na forma e no uso dos materiais, porque decorrem de atos inteligentes, sujeitos à vontade e à liberdade, variáveis de acordo com as circunstâncias, o que é uma característica dos atos inteligentes.

12. O homem também deve a sua conservação e manutenção a atos instintivos, e não apenas aos atos inteligentes. Lembremos tão-somente o que se dá nos primeiros dias após o nascimento de uma criança, que, do mesmo modo como ocorre com as crias de outros mamíferos, suga o leite materno, sem que ninguém lhe tenha ensinado. A circulação sanguínea, o funcionamento do aparelho digestivo e tantas outras funções verificáveis no ser humano também se devem à força do instinto.

Bibliografia:

Kardec Allan, A Gênese, (cap. 3, itens 11 a 17.)

Instinto e meios de conservação

No animal os instintos manifestam-se plenamente

1. Em suas primeiras manifestações no plano físico, através de experiências sucessivas em organismos progressivamente mais complexos, o Espírito automatizou reações aos impulsos exteriores, gravando-as em seu perispírito, de modo a melhor adequar-se ao meio ambiente.
2. Essas ações reflexas incorporaram-se, assim, ao patrimônio perispiritual do ser e se manifestam no vegetal, no animal e no homem por meio de atos espontâneos e involuntários que têm, em geral, uma finalidade útil tanto para o ser que os realiza quanto para a sua espécie.
3. Podemos identificar esses atos no movimento da planta que se volta na direção dos raios solares, na arte com que a aranha tece sua teia para capturar os insetos de que se nutre, ou no ato de sucção com que o bebê se alimenta.
4. Esses atos inconscientes são, pois, o resultado do mecanismo coordenado e cada vez mais complexo das ações reflexas, a que chamamos instintos. No vegetal, a estruturação desse mecanismo está em seus primórdios, no animal manifesta-se plenamente, no homem sofre a ação da inteligência, que lhe altera e aperfeiçoa as manifestações.

No homem certos atos são instintivos, mas não todos

5. Podemos desse modo traçar uma demarcação bem nítida entre instinto e inteligência. O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão nem combinação ou premeditação.
6. É assim que a planta procura o ar, volta-se para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente... É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou os prejudica, e buscam, conforme a estação, os climas mais propícios.
7. No homem, só no começo da vida o instinto domina com exclusividade. É por instinto que a criança faz seus primeiros movimentos, toma o alimento, grita para exprimir suas necessidades, imita o som da voz, tenta falar e andar.
8. No adulto mesmo, certos atos são instintivos, tais como o movimento espontâneo para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo, o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar etc.
9. A inteligência revela-se por atos voluntários, premeditados, combinados, de conformidade com a ocasião e as circunstâncias.

O instinto de conservação é uma lei da Natureza

10. Resumindo, podemos concluir: Todo ato maquinal é instintivo; todo ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.
11. Um dos mais perfeitos atos instintivos é o ato de viver. O instinto de conservação é uma lei da Natureza e, por isso, todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de seu nível evolutivo. Nuns, ele é puramente maquinal; em outros, é raciocinado.
12. O instinto de conservação foi outorgado por Deus às suas criaturas porque todos têm que concorrer para o cumprimento dos desígnios da Providência. Eis por que Deus lhes deu a

O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo IV)

necessidade de viver. Acresce ainda que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Estes o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.

13. O despertar da necessidade de viver tem por finalidade a manutenção da vida orgânica, necessária ao desenvolvimento físico e moral dos seres, bem como à realização das tarefas de colaboração com a obra divina que Deus, em sua sabedoria, concedeu a cada um como oportunidade de crescimento para o bem.

14. O instinto de conservação constitui-se, pois, em mais um dos eficientes instrumentos naturais que cooperam em favor do mecanismo evolutivo dos seres da criação.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 702 e 703.)

Kardec Allan, A Gênese, (cap. III, itens 11 e 12.)